



MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VI

Florianópolis, Abril de 1948

N. 2

O CONSTRUTOR

Virtude: Fidelidade ao dever — um fiel cumprimento de minha obrigação para com Deus e o próximo.

Defeito oposto: Irresponsabilidade — uma atitude superficial e descuidada quanto aos deveres.

Aspirações: “Jesus, Maria, José, dou-vos meu coração e minha alma”, “Jesus, Maria, José assisti-me na última agonia”, “Jesus, Maria, José, expire minha alma entre vós em paz!” (300 dias de indulgência, cada vez).

Método: Começa o dia com actos de fidelidade ao dever. Ao levantar, diz grupos das aspirações acima, p. ex., cinco vezes, repete estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, perguntate, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: Ordem é a primeira lei do céu. Em Nazaré reinava ordem perfeita. Jesus, Maria e José representam a ordem de santidade, enquanto José, Maria e Jesus representam a ordem da autoridade na Sagrada Família. Cada um respeitava os direitos dos outros pelo mais exacto desempenho do dever e assim preservava a paz na santa casa de Nazaré. O Construtor e o Ajudante transportam a alma ao lar da fidelidade ao dever. “Jesus, Maria, José, dou-vos meu coração e minha alma” põe nossos pensamentos, desejos e ambições ordenadamente à disposição da Sagrada Família. Mas o temor de Deus e Seu amor são necessários para um harmonioso contrôlo dos impulsos. Por isto, a lembrança de uma morte feliz é sugerida pelo Ajudante: “Jesus, Maria, José, assisti-me na última agonia”; por isto, o temor é sublimado por um santo desejo de amor: “Jesus, Maria, José, expire minha alma entre vós em paz”!

Na Defensiva: Satanás esforça-se por controlar o coração humano. Fomenta o mau-humor, o desleixo e o engano; sugere o desprezo da oração, da Missa dominical e da Santa Comunhão — atitude irresponsável para com o dever. Nossa arma defensiva é um forte senso do dever, mais um desejo de distinguirmo-nos aos olhos de Deus. Como prece, as aspirações ajudam-nos a desvendar as intenções enganosas de Satanás e desempenhar fielmente nossos deveres; como acto de virtude, capacitam-nos de dedicar nossa mente e nosso coração à Sagrada Família durante a vida e na hora da morte.

Na Ofensiva: Jesus Cristo amava profundamente a juventude. Ofereceu a vocação sacerdotal ao jovem rico, como nos conta o Evangelho;

LIVROS

Silvertip, por Max Brand, Casa Editôra Vecchi Ltda., Rio de Janeiro, (1947) — **O Terror de Salt River**, por Nelson C. Nye, Casa Editôra Vecchi Ltda., Rio de Janeiro, (1947). — Com estes dois volumes inaugurou a conhecida editôra carioca sua nova “Coleção FAR-WEST”. Com certeza, estes dois romances encontrarão muitos leitores, especialmente entre a mocidade. Cenas há que cortam a respiração, enquanto outras apelam aos sentimentos mais nobres quando mostram o herói como vítima da injustiça e da traição. Em ambos os livros há, ao lado da aventura, também o romance. — Comparando os dois volumes, dar-se-á a preferência ao primeiro, pois tanto no modo de expôr o enredo como na qualidade moral é superior ao segundo. Quem, entretanto, gostar mais de um prato menos delicadamente preparado, ficará satisfeito com o “Terror de Salt River”. Mas não hesitamos em dar à nossa mocidade tais livros. Pois trata-se de leitura sadia. Muito mais sadia do que aqueles romances insípidos que reproduzem os suspiros de dois enamorados, passeando ao luar, ou que contam as intrigas de divorcistas e de adúlteros. Nos dois volumes em aprêço, encontramos também a mulher, mas em atitudes dignas, especialmente, no primeiro. (É, em grande parte, por isso, que damos a nossa preferência a este). — Existe ainda um bom número de obras deste gênero que merecem ser apresentadas ao público brasileiro. Mas fiquem excluídos aqueles “Westerns” que, no ano passado, foram filmados. Aquilo não é nem “Far-West” nem romance, aquilo é pornografia. E esta não queremos ver importada. — Sec.: A.

Casei-me com a Aventura, por Osa Johnson; Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1946. — O livro conta a vida de um dos melhores exploradores da vida

restituiu a vida à filha de Jairo; o moço S. João foi o discípulo a quem amava Jesus. Todas as gerações testemunharam esta forte predileção de Cristo pela mocidade: S. Tarcísio, Sta. Inês, S. Luiz, Sto. Estanislau e Sta. Terezinha. Ele estende os mesmos prementes convites à mocidade do século vinte. A aceitação destes sinais de amor revela fidelidade ao dever. Frequentes grupos de nossas aspirações cultivam um forte senso do bem e do mal que caracterizou a conduta dos padroeiros da mocidade de todos os séculos.

Charles A. Imbs, S. J.

dos animais selvagens. Dizemos “dos melhores”, porque Martin Johnson, esposo da autora do volume, não sacrificou em hecatombes aquelas criaturas com que Deus embelezou os continentes distantes. Seu fito era fotografar e filmar a vida real dos habitantes das selvas. E conseguiu-o, conseguiu-o como nenhum antes dele. Mas não foi sem muito esforço que alcançou resultados tão esplêndidos. Martin era uma nulidade na escola. Moço, não sabia perseverar nas diversas ocupações com que tratava de ganhar seu sustento. Nem a casa paterna pôde retê-lo. Mas havia nele uma vontade forte, decidida. Faltava-lhe apenas descobrir a espécie de trabalho em que empregaria suas energias. Eis que uma feliz circunstância o fez encontrar-se com Jack London. E o caminho de sua vida estava aberto. Osa que acompanhou a Martin em todas as viagens, participando dos sacrifícios e dos triunfos, acompanhou-o ainda na trágica viagem aérea que marcou o fim de uma existência rica em labor e sucesso. Osa Johnson revela-se neste livro não só a esposa dedicada, mas ainda a escritora, a artista que sabe comunicar a outros o que ela viu de grande e de belo. “Casei-me com a Aventura” é um livro que com gosto se lê mais de uma vez. — Sec.: C.

É BOM SABER...

— Monsenhor Eduardo J. Flanagan, o fundador de Boy's Town, foi para o Japão como representante do Departamento de Guerra dos E. U. A., para conselheiro do governo japonês nos problemas de educação e proteção à juventude.

— Dois sacerdotes budistas, no Japão, converteram-se à religião católica. Duas filhas de dois outros sacerdotes budistas deram o mesmo passo, apesar da oposição de suas famílias. O pai de uma delas pertence à alta hierarquia budista, e o outro é professor de uma das mais importantes escolas do Japão.

(Nuestra Vida — México)

— Os documentos e ataques publicados pelos americanos e russos, referentes às relações de antigueria das grandes nações com a Alemanha de Hitler provocou, recentemente, da parte de alguns céticos berlinenses o comentário: “Mas então quanta culpa resta ainda para nós?” — Isto devia dar que pensar a ambos os lados.

— No dia 18 de Fevereiro, o costureiro vai-vem do tráfego em Hyde Park Corner, no centro de Londres, parou por um momento, quando uma impressionante limousine colidiu com um velho auto de

DAS NOSSAS CONGREGAÇÕES

C. M. N. Sra. do Rosário — Secção dos Menores: Aos 17 de Março de 1948 tomou posse a Directoria eleita para este ano. Presidente: Elisiário Pereira Filho, 1º Assistente: Enio Cesar Vieira Pereira, 2º Assistente: Mário Moreira Leite, Secretário: Juarez Philippi, Tesoureiro: Urbano Vicente Gama Salles.

C. M. N. Sra. do Rosário — Secção dos Maiores: Aos 20 de Março foi empossada a nova Directoria que se compõe como segue: Presidente: Sidney Damiani, 1º Assistente: Pedro Cruz, 2º Assistente: Ângelo Aladino Orofino, Secretário: Ademir Pereira de Abreu, Tesoureiro: Rodi Hickel.

praça. O motorista deste último pulou do assento e dirigiu-se à limousine: “Tenho que pedir seu endereço, senhor, pois devo dar parte disto”. O homem ao guidão replicou: “Sou o Duque de Edinburgh”. — O rosto redondo do motorista, um certo Michael Poluck, enrugou-se com confusão. Balbuciou: “Bem, não sei o que fazer agora, senhor”. Um polícia veio em seu auxílio e separou os carros, e o Duque de Edinburgh e sua companheira, Princesa Elizabeth, foram embora. — Depois do acidente, o Rei Jorge, assim se conta, chamou a Philip para uma séria conversa sobre o modo deste de guiar o auto. Já antes tinha falado a seu genro por causa de um acidente de automóvel, verificado durante o noivado de Philip. Naquela ocasião, o Duque tinha virado seu carro de esporte. Havia ainda o caso de uma corrida louca, na Escócia, corrida essa que deixou sem respiração o “royal chauffeur”, no assento trazeiro.

(Newsweek — New York)

— “Newsweek” oferece ainda, ao paladar dos diplomatas, o seguinte petisco. Referindo-se ao litígio entre Chile-Argentina e Inglaterra a respeito da Antártica, diz que a posição do governo de Washington é: (1) O governo dos Estados Unidos nunca reclamou formalmente qualquer parte da Antártica. (2) Não reconhece as pretensões de qualquer outro país. (3) O pacto pela defesa do hemisfério, concluído em Petrópolis, no ano passado, não tem nada que ver com pretensões à soberania da Antártica. (Estas afirmações lembram a defesa da mulher que devolveu o pote rachado à vizinha: (1) Nunca pedi emprestado o pote. (2) O pote já estava rachado, quando, o pedi. (3) O pote estava inteiro, quando o devolvi).

MARIANOS CELEBRES

12. O Autor da Bula Áurea.

"Nós mesmos, que, em nossa juventude, fomos membro da Congregação da Assunção, estabelecida na casa professa dos Jesuítas em Roma. Nós gostamos de lembrar-Nos que tomávamos parte nos piedosos exercícios da Congregação para o grande bem e consolação espiritual de Nossa alma. Também consideramos como um dever de Nosso cargo pastoral de tomar sob a Nossa proteção apostólica e de circundar com Nossos favores estas espécies de viveiros onde crescem sólidas virtudes, e que servem tão poderosamente à formação da juventude cristã e à salvação das almas".

Com estas palavras descobre o Papa Bento XIV algumas das razões pessoais que o moveram a confirmar as graças e privilégios concedidos à Congregação Mariana por seus antecessores e ampliá-los ainda ele mesmo com a bula "Gloriosae Dominae", a "Bula Áurea".

Quem foi Bento XIV?

Quando se sabe que alguns dos Cardiais advertiram ao Papa Bento XIV que não convinha que o Sumo Pontífice se servisse do dialeto bolonhês, não é difícil adivinhar que ele nasceu em Bologna. Foi aí que, aos 31 de Março de 1675, Marcello Lambertini, o pai de nosso mariano, recebeu os parabéns de parentes e amigos pelo nascimento de um filho que, na pia baptismal deveria receber o nome de Próspero.

A família do recém-nato, registrada já no 10º século, contava entre seus membros, militares, magistrados e cientistas. A ela pertenciam também as bem-aventuradas Imelda e Giovanna. A antiga riqueza da casa estava muito reduzida em consequência de enchentes do rio Reno.

Mas Próspero possuía coisa melhor do que os bens traiçoeiros deste mundo falaz. Sua prudente mãe deu-lhe dois mestres que não só conseguiram moderar a vivacidade natural de seu aluno, mas inspirar-lhe o amor, uma verdadeira paixão pelo saber. Enquanto outros meninos brincavam, ocupava-se Próspero com seus livros. Com dezenove anos, obteve, na Universidade Romana, o doutorado em teologia e direitos civil e canônico. Começando sua carreira de advogado trabalhou como auxiliar no tribunal eclesiástico da Rota, onde em breve se distinguiu tanto que, em breve, subiu ao posto de advogado consistorial e Promotor da Fé. Dos estudos a que o obrigou a sua posição surgiu a célebre obra "Da Beatificação e Canonização dos Servos de Deus", obra escrita não tanto por inclinação natural, mas antes motivada por um sentimento de dever para com a religião.

Se Próspero Lambertini era um exímio cientista que fazia sozinho os trabalhos que para três homens pareciam demais, não era, contudo,

nenhum inimigo da vida social. Gostava de passar as horas de lazer, depois de um dia trabalhoso, em companhia de funcionários da Cúria e de sábios. Nestas ocasiões soltava as rédeas ao seu bom humor e espírito crítico e sarcástico, falava sobre questões da política eclesiástica com grande liberdade e dava provas de uma grande compreensão dos problemas de seu tempo.

Em 1725 foi sagrado Bispo titular, sendo elevado ao sólio arqui-episcopal de Ancona, dois anos mais tarde. Pouco depois entrou para o senado da Igreja. Como Arcebispo distinguiu-se por uma actividade infatigável em prol de sua diocese. Clemente XII transferiu o Arcebispo Próspero para a sé de Bologna. Foi para lá para deixar — assim pensava — seus restos mortais na igreja onde, havia 56 anos, fôra baptizado. Trouxe para a sua cidade natal, como único séquito, suas virtudes. Tendo estado ausente tantos anos, não se precipitou nas reformas. Investigava e informava-se. Mas, quando uma vez estava certo, defendia seu ponto de vista, até contra o Papa. Assim foi, quando Clemente XII se queixou do Vigário Geral de Bologna. Próspero respondeu-lhe: "A alta posição expõe a Vossa Santidade a enganos que me a mim menos ameaçam, pois tenho ainda tempo de investigar as cousas. Havia de sacrificar o Vigário acusado, se ele fosse culpado; entretanto, eu o conheço e todos os dias peço a nosso divino Salvador que Ele possa ser tão contente com o Vigário d'Ele aqui na terra, como eu o sou com o meu". O Papa não levou a mal este gracejo bastante arriscado.

Na véspera do conclave do qual Próspero Lambertini devia sair como Papa Bento XIV, o embaixador imperial Santa Croce escreveu sobre ele: "O Cardial de Bologna une seu vasto saber a uma grande pureza de alma e tantas outras boas qualidades, que deve ser considerado como um dos mais excelentes membros do Sacro Colégio". O traço mais saliente de seu caráter foi sua indefectível bondade. Bento era incapaz de negar algum pedido. No trato com os amigos, mesmo os de condição humilíssima, foi de uma simplicidade encantadora. Um poeta escreveu uma picante sátira contra Bento, então ainda Arcebispo de Bologna. Este, excelente escritor que era e desconhecendo o rancor, corrigiu a peça poética e mandou-a de volta ao autor com a observação: que assim a obra se venderia mais facilmente.

No dia 17 de Agosto de 1740, Próspero Lambertini foi eleito sucessor de São Pedro na sé romana. Tomou o nome de Bento XIV.

Alguns Cardiais temiam que o novo Pontífice não seria muito feliz no campo diplomático; pois nunca fôra nuncio. Mas enganaram-se. Poucos Papas tiveram que enfrentar tantas dificuldades diplomáticas. Bento, entretanto, sabia vencê-las. Várias circunstâncias contribuíram para isto. A tradição multiseccular de sua família,

seu vasto saber, seu espírito conciliatório e bom humor que tinham sua raiz na bondade do coração do Vigário de Cristo.

Mas antes de tudo, Bento era Papa, Pastor de seu rebanho espiritual, Chefe da Igreja. A ela devotava todas as suas forças. Um traço característico foi sua devoção a Maria Santíssima. Restaurou a basílica S. Maria Maggiore, determinou a celebração da festa da Imaculada Conceição naquele templo, favoreceu a peregrinação a Loreto. Já tinha esboçado uma bula sobre o dogma da Imaculada Conceição, que, porém, não chegou a ser publicada. E, aos 27 de Setembro de 1748, publicou aquele documento pontifício que deve ser caro a todos os Congregados, a chamada "Bula Áurea", na qual o Papa-Congregado professa sua gratidão de filho e sua solicitude de pastor.

Maria Santíssima auxiliou e protegeu visivelmente seu grande devoto. Não será temerário supor que pela intercessão da Mãe de Jesus, Bento foi capaz de guiar tão sabiamente a Igreja no meio de tantos escolhos, que ele conservou uma tão formidável capacidade de trabalho, que conservou a lucidez e força de uma inteligência fora do comum até a idade de 84 anos. Foi no coração de sua Mãe celeste que hauria a bondade com que acolhia a todos, consolando os tristes, admoestando os faltosos, reerguendo os que sofreram quedas. Foi o amor a Maria que lhe inspirou e aperfeiçoou o amor a Cristo e Sua Igreja.

Cristo e Sua Igreja foram a razão de ser de Bento até a morte. Esta veio abrir-lhe as portas da eternidade no terceiro dia do mês de Maria de 1758.

ESCOLA DE GUERRA (XXII)

42. "Sendo muito conforme com o espírito da Congregação, como se disse no Título terceiro, instituir Secções particulares, (1) destinadas a fomentar a piedade nos mesmos congregados, (2) o exercício do zelo e da caridade cristã, (3) é muito para desejar que todos tomem parte nalguma destas Secções, e até convirá tornar isto obrigatório onde as circunstâncias o permitirem. (4) A obrigação que a cada um incumbe de assistir, em harmonia com os seus estudos e profissão, às academias, (5) se as houver na Congregação, dependerá das regras particulares de cada Congregação".

Comentários: (1) Estas Secções refletem o espírito que anima uma C. M. Onde não há vida nas Secções, faltará, geralmente, também, a vida e actividade na própria C. M. As Secções significam um acréscimo de deveres e de trabalhos para seus membros. Mas significam também maiores possibilidades de a C. M. influir no seu meio ambiente. — (2) A esta classe de Secções pertencem, entre outras a Secção Eucarística, o Rosário Vivo, o Colóquio Mariano. — (3) Fazem parte desta classe a

CANTINHO LITÚRGICO

Muito convenientemente segue — nas Missas de carácter festivo — ao "Kyrie" o hino angélico "Gloria in excelsis Deo". Se a denominação "hino" deve ser tomada em sentido largo — pois não se trata de um texto em forma métrica — o qualificativo "angélico" retém o sentido literal. Foi o côro dos Anjos que com estas palavras anunciou aos homens de boa vontade, a chegada do Salvador que é o Príncipe da Paz.

O "Gloria" da Missa é como uma expressão da confiança que depositamos nos pedidos expressos no "Kyrie". Bem dizemos, adoramos e glorificamos a Deus por causa de sua magnificência. Reconhecemos o Ser supremo como Senhor Deus, Rei dos Céus, Deus Padre Onipotente. Agradecemos a manifestação de toda esta grandeza e glória infinda. Na enumeração dos benefícios da Incarnação do Filho unigênito podemos ver outros tantos motivos por que devemos entregar-nos incondicionalmente nas mãos de Deus, esperando, com confiança inabalável, que Ele cuide nós e atenda as nossas orações, desde que estas não contenham cousas contra a glória divina e a salvação de nossas almas.

Esta confiança e a alegria e júbilo dela derivados recebem sua confirmação e reforço pelo reconhecimento de que só Jesus, em unidade com o Pai e o Espírito Santo, é santo, é Senhor, é o Ente mais alto.

Mui naturalmente brota dos lábios da Igreja este cântico triunfal nas Missas celebradas em honra da Santíssima Trindade, dos mistérios da vida de Jesus, de Maria Santíssima, dos Anjos e dos Santos. Quanta beleza e quão profunda felicidade abriga este vale de lágrimas, se soubermos levantar os nossos olhares para as alturas onde reina o Deus da Glória!

GRÃO DE SAL

"O som é um movimento"... "A electricidade é um movimento"... "A luz é um movimento"... A ciência não possui outras definições. Não obstante, ela pretende negar Deus por não poder defini-lo.

(Constâncio C. Vigil: Terra Virgem).

Secção Missionária, à Conferência Vicentina, Secção de Boa Imprensa, Secções que se propõem a visita aos hospitais e às penitenciárias, o Apostolado do Mar, etc. — (4) Esta frase realça a importância das Secções tanto para a C. M. como para os congregados. — (5) As academias dedicam-se a determinados estudos, p. ex., da Sagrada Escritura, das Questões Sociais, da Missiologia, etc.

CRISTO OU BARRABÁS?

por DANIEL A. LORD, S. J.

(Tradução)

(Continuação)

Por isso, quando ela repetiu "Ele"? ambos sabíamos que ela tinha na sua mente uma imagem muito precisa de Jesus.

Pilatos enfureceu-se e berrou-lhe:

"Que outro 'ele' poderia haver, justamente agora, senão aquele que eles parecem querer por força aclamar como o rei deles? E Cesar tem seu modo de não gostar de reis não aprovados por ele. Mas os sacerdotes encurralaram-me desta vez. Estou farto deles, de cada um deles que compra sua dignidade qual um barato político da província.

"Entretanto, expuseram o caso bem claramente: Se houver uma revolta esta noite... se eu tiver recusado a cooperação do exército... se Ele começar os distúrbios, saindo do esconderijo e incitando-os para a guerra"...

Pilatos afundou raivosamente a colher no sorvete diante dele.

"Ah!" suspirou, "por que não escolhi uma província pacífica em vez deste manicômio de religião, política, negócio, fé e cinismo, tudo metido num só saco, uma província onde santos usam camisas de pele de camelo e os patifes se envolvem na púrpura e no linho fino do sacerdócio?"

"Não importa qual a província", Prócula lembrou-lhe; "sempre terias que tomar decisões, e decisões importantes. Eu estou contente que viemos para cá".

Ele lançou-lhe um olhar inquiridor.

"Às vezes, tenho a impressão que tu gostas da religião deles".

Ela replicou: "Teria ficado desgostosa de não ter pelo menos tido a ocasião de O ver". Mais uma vez ela usou o pronome, como se fosse desnecessário um nome.

"Bem", disse, azedo, o marido, "se Ele está em Jerusalém esta noite, será arrastado para a prisão com bastante pressa. Os sacerdotes encarregar-se-ão disto. Portanto, não terás ocasião de O ver, a não ser que pretendes fazer uma visita às células".

Esmagou entre os dentes fortes um doce duro.

"Que é que Ele fez?" perguntou sua mulher.

"Nada, até agora. Deixarei os judeus guardá-lo na prisão até depois das suas festas, e então..."

Agarrei o ensejo. "Há um costume, como estará lembrado, Excelência, de, por ocasião da Páscoa, soltar-lhes um preso, geralmente, um prisioneiro político".

"Não precisamos disto. Ele não é nenhum preso; só prisão protetora. A propósito, uma boa expressão! Hei de sugerir-lhe a Cesar... prisão protetora..."

Estendeu a mão para o prato com nozes e figos.

"Depois de poucos dias, soltá-lo-ei de novo. Mas suponho que teremos as mesmas dificuldades sempre e sempre... novos chefes... novas causas..."

"A não ser", sugeriu Prócula, mansamente, "Ele é o fim de alguma coisa muito velha e o princípio

de uma coisa muito nova".

Pilatos olhou sua esposa ternamente, voltando-se depois para mim. "Philo", disse, "daria a minha precária formação e todo teu treinamento filosófico por um pouco da fé que sempre parece brilhar nos olhos de minha senhora".

E isto foi tudo. Pouco depois, o jantar acabou, e eles me mandaram embora por aquela noite.

Tive o sono irrequieto. Quando me acordava no quarto escuro que estava contíguo a meu escritório, podia ver uma luz no apartamento de Prócula. Isto foi insólito, porque ela até se gabava e ria de seu sono profundo.

As sentinelas ao pé do quarto de Pilatos tinham sido duplicadas, e, no silêncio, eu podia ouvir o seu vai-vem, marcado com saltos de aço. Mas além disso, havia fenômenos que podia sentir sem vê-los, como se coisas importantes estivessem por acontecer, coisas que pressagiavam uma tragédia. Os grandes dramáticos gostam de senti-las.

Desta forma eu não me surpreendi, quando, antes do romper do dia, um mensageiro veio correndo ao longo dos corredores. Ouvi-o chamar da cama um dos secretários políticos, e os dois foram ao quarto de dormir de Pilatos, batendo na porta, primeiro levemente, depois com determinada insistência.

Pensei com meus botões: "Parece estarem em pé cedo, esses sacerdotes!"

Acendi a mecha que estava fluindo em minha lamparina e vesti-me, convencido de que o dia a começar seria um dia cheio de acontecimentos. Mas pouco imaginava quão pleno ele seria!

Breve souei minha campainha, e apressei-me de ir ao apartamento de Prócula. Sua criada abriu-me e postou-se perto da porta, enquanto nós falávamos. A esposa de Pilatos estava completamente vestida, como para sair, e, embora eu saiba pouco dos usos das mulheres, estava eu certa que ela tinha dormido menos ainda do que eu.

Estava sentada à sua escrevaninha. Quando entrei, ela dobrou a folha, selou-a com seu anel e entregou-me a carta.

"Faz-me o favor de dar isto a meu senhor Pilatos na primeira oportunidade que se oferecer", disse. "Mas, se uma palavra a viva voz for mais cômoda, segura-o o tempo suficiente para dizer-lhe só isto: 'Sua senhora manda-lhe esta urgente mensagem por escrito e por minha boca: Não se deixe envolver em tentativa alguma de condenar à este justo. Sei que Ele não é culpado, por mais que eles O acusem. Sonhei com Ele esta noite — talvez fosse mais que um sonho. Aceite a palavra de sua esposa, meu marido; Ele é um homem inocente'".

Fiz-me repetir a mensagem palavra por palavra.

Despedi-me, pouco adivinhando que iriam passar horas, horas repletas, antes que achasse tempo suficiente para transmitir a Pilatos aquela mensagem. Intuição disse-

me entretanto, que, cedo ou tarde, a mensagem não teria nenhum efeito nele. Sem mais, mergulhamos nessa manhã febricitante. Começou com a chegada da guarda do templo, arrastando consigo Jesus ao qual, você via isto com um só olhar, tinham feito passar uma má noite.

Pilatos mandou-me chamar e encontrei-o fúido de raiva.

"Que significa isto, no inferno?" perguntou. "Esses sacerdotes arrancaram-me à cama com o primeiro cantar do galo e, então, recusam-se de entrar no palácio para falar comigo. Dizem-me que tenho que ter com eles lá fora".

Foi um ponto melindroso, e hesitei em explicar que, se entrassem em seu palácio, seriam contaminados — ou assim pensavam eles com desprezo dos romanos.

"Nas suas maiores festas", comecei indeciso, "quando uma vez se purificaram ritualisticamente..."

"Grandes deuses do Olimpo!" praguejou. "Sou eu porventura sujeira e lodo, que não podem entrar na minha casa sem que fiquem manchados?!"

Eu procurei a carta de Prócula... ou as palavras exactas.

"Excelência, D. Prócula, vossa esposa..." comecei.

Ele silenciou-me.

"Diz-lhe que reze a todos os deuses que regem os temperamentos humanos, para que o meu não exploda", berrou raivosamente e precipitou-se para a entrada afim de avistar-se com os sacerdotes e seu prisioneiro.

Quando voltou finalmente, ao seu gabinete, estava esfregando as mãos — como costumava fazer cada vez que tinha executado um hábil truque diplomático. Sinto dever dizer que ele tinha mais vezes que limpar a espada do que esfregar as mãos, coitado. Mas por um momento pensei que, entora a mensagem não tivesse sido entregue, sua esposa vencera.

"Philo", gritou, passando por mim, "lavei minhas mãos, não tenho nada com este negócio sujo. Descobriu-se que Ele é súdito de Herodes. E ainda que considere a Herodes uma defecação na boca de Roma, livre-me de dar uma decisão e fiz uma cortezia a este corrupto velho maluco: disse-lhes que levassem o prisioneiro para a corte de Herodes. Ele que decida". Pilatos riu-se gostosamente. "Podes apostar que os sacerdotes estavam furiosos comigo — naturalmente, no seu costumeiro modo diplomático — mas ferviam de raiva, não-obstante. Dize isto a D. Prócula, por favor".

"D. Prócula ficará contente", comecei, "pois ela mandou-me dizer a Vossa Excelência..."

Mas a porta de seu gabinete fechou-se com um estrondo entre nós. Apressei-me para levar a boa nova a Prócula. Com grande surpresa minha, ela aceitou a reviravolta dos acontecimentos primeiro com admiração, depois com tristeza.

"Isto não serve", disse, como para si mesma. "Isto não serve de

forma alguma". Levantou seu meigo olhar para mim. "Não sei porque, Philo, mas tenho a impressão que este é um homem a respeito do qual ninguém pode ficar neutro. Deves ser por Ele ou deves ser contra Ele. Não te podes safar dizendo, 'Deixa a Herodes a decisão', e depois encolher os ombros. É tão estúpido como se tentasse levá-lo embora, deitando algumas gotas d'água sobre teus dedos". Abismou-se no seu cismar mais uma vez. "Pilatos, meu doce marido! Se isto fosse uma solução..." Voltou-se para mim de novo. "Cuida que ele receba minha mensagem. Cuida bem disso!"

Mas antes que pudesse abrir caminho pela chusma dos visitantes de costume, que enchiam os corredores, ouvi a maré do populacho voltar para submergir-nos. Por esta hora, o sol estava bem no coração da manhã, e a massa estava crescendo como se o calor da primavera tivesse transformado cada rua lateral num rio tributário.

Secretários começaram a ir e vir, saindo para onde estavam os sacerdotes, e voltando para Pilatos, passando sempre por mim. Um deles, Plato, um velho amigo meu, parou em sua corrida pelas galerias e poz-me a par das últimas notícias.

"Estão levando o prisioneiro para a sala de audiências. Pilatos está fora de si de raiva. Zombou quando disse, 'Trazei o camarada para cá. Já que é praticamente um réprobo para sua gente, não posso supor que a casa de um governador romano o possa contaminar mais ainda'".

Era uma amostra típica da ironia de Pilatos. Mas antes que Plato estivesse fora de vista, minha campainha tocou outra vez, e eu corri para a D. Prócula.

"Transmitiste-lhe a mensagem?" perguntou. Ela estava perto da janela da sacada que abria sobre a ondulante escadaria do palácio na qual agora se comprimiam os sacerdotes e a gentilha.

"Minha senhora", comecei, "ten-tei sinceramente, mas ele..."

Por uma vez minha patroa perdeu a calma. Sua mão foi um frio, imperioso comando.

"Eu te mandei tentar? Disse que lha entregasses. E instantaneamente. Queres que a morte de um inocente caia sobre as almas de todos nós?"

Por isto, desta vez afrontei sua ira, empurrei os secretários e sentinelas para fora de meu caminho e penetrei no gabinete dele. Então, notando seu rosto impaciente, entreguei-lhe de joelhos a nota. Leu-a distraidamente, amaaçou-a pensativo e jogou-a sobre a mesa em frente dele.

"Sei, sei", disse sem convicção. "A justiça romana e meu próprio senso comum dizem-me que não me deixe apanhar numa armadilha de sacerdotes. Podes dizer a D. Prócula isto. Mas — sua boca contorceu-se num esgarque, talvez devia ser um sorriso — num momento como este importunar-me com sonhos..." (Continúa)

(Continuação)

O CAPITÃO

POR MATHIAS BODKIN, S. J.

(Tradução)

Depois disto, o ano começou mal para Desmond. Em primeiro lugar, sentiu-se solitário. A maior parte de seus íntimos do ano passado não tinham voltado. Brendan O'Reilly e ele eram os únicos sobreviventes de um bando feliz. Mas agora, era exquisto, sentiu-se mal na presença de Brendan. Lembra-lhe sua perda. E, outra coisa, no trato íntimo com Brendan, ele, Desmond, sempre foi o parceiro que dominava e decidia. Agora sentia, bem naturalmente, mas também muito erradamente, que Brendan ressentiria até a mais amigável direção exercida por um segundo violino como era ele mesmo, Desmond. Quando estavam juntos, sentia-se sempre tolhido pelo medo de querer impingir ao Capitão seus desejos, de impôr-lhe suas opiniões. Brendan que era simples e franco, até demais, nunca compreendeu completamente as dificuldades de seu amigo subtil. Se tivesse compreendido, teria ido além de suas forças a salvação da situação. Decididamente, não era esperto, ao passo que Desmond era por demais introspectivo e concentrado sobre si mesmo para ser levado facilmente. Como estavam as coisas, Brendan encontrava na amizade de Milligan companhia tão congenial e intimidade tão acolhedora como achara já mais no trato com Desmond. Prevalecendo tais circunstâncias, era somente natural que os dois se afastassem um do outro. Desmond teve então a escolher entre o grupo de McCarthy que bem o teria recebido, mas de que Desmond não gostava, e os mais novos que já se tinham dividido em seus grupos próprios e com os quais, por mais popular que fosse, nunca se teria sentido em casa. Portanto, preferiu uma isolamento esplêndida. Era afável para com todos, mas familiar com ninguém, tal como o grande urso solitário que se portou tão soberanamente numa das histórias de Charles Roberts. Parecia um plano muito genial; mas, na realidade, aborreceu-se muito com isto. Instintivamente sentiu um crescente ressentimento contra Brendan, causa de todo o mal. Ao Padre Daniel a situação parecia perigosa, estava certo que levaria a complicações; mas excepcionalmente, deixou o barco correr, vendo que nada podia fazer.

Houve um bom número de atritos menores antes do grande "Caso do Juiz" que trouxe os reais distúrbios de um ano que estava longe de ser pacífico. O mais importante acontecimento na folhinha esportiva de S. Xavier era o encontro anual com o Colégio Stº Anselmo. Stº Anselmo era a maior escola protestante na vizinhança e, numericamente, um pouco mais forte do que eles. Não obstante, somando tudo, havia, nos anos passados, um leve saldo em favor de S. Xavier. Mas, no último biênio, perderam os jogos, e perderam feiamente. Este ano, porém, as esperanças de S. Xavier iam altas. O team era realmente bom, com pes-

soal competente em todos os postos, como Milligan, um excepcionalmente brilhante lutador, O'Reilly, um leader de primeira classe, Dane, com incrível velocidade na ala, e Desmond Maher, um perfeito gênio de Rugby, de que se dizia que tinha "mãos como um anjo e um chute da força do coice do cavalo". (Esta característica deve-se ao entusiasmo de um novato que assim descreveu seu herói numa carta para casa). Numa coisa só, notava-se certa desvantagem — nos "forwards", e como conjunto, o team foi excepcionalmente leve. O jogo estava marcado para o 3º domingo de Outubro. Até a quarta-feira da semana precedente, as esperanças eram sem limites. Mesmo quando Milligan destroncou seriamente o pé, durante um jogo de treino, e tinha que retirar seu nome, manteve-se o optimismo.

Entretanto, chovia, e chovia a cântaros. Desde quarta-feira até sábado, a chuva caía sem parar. Cada gota tornava o campo peor e diminuída as chances do leve e bem treinado team. Mesmo assim foi com uma alegre perspectiva que o team, sob um sol aguado e um céu esfarrapado e cor de cinza, fez a viagem de cinco milhas até Stº Anselmo. Antes que o jogo começasse, estava chovendo outra vez.

"O solo", disse Desmond mais tarde, "nem foi solo, era um mar da grossura mais ou menos de uma boa feijoada. Aposto que esvasiaram as banheiras sobre o campo e viraram a mangueira de incêndio; pois não havia uma polegada de terra firme já depois dos primeiros cinco minutos de jogo".

Logo no começo as coisas saíram mal para Xavier. Seus leves "forwards" foram levados de roldão na luta contínua pela bola, foram arrastados, escorregando e sem pegar pé, por todo o campo. Um contrajogo era impossível com uma bola molhada e pesada, num solo que se assemelhava a um pântano, soprando um vento carregado de chuva sobre um team que estava apanhando. Contudo, Xavier defendia-se galantemente, chutando e engulindo caneladas como homens. Bem cedo, entretanto, os seus ânimos levaram um choque tremendo. Um penalty foi a consequência de um desesperado bolo em frente ao golo deles, e com um chute certo, os adversários marcaram um tento, dando-lhes uma boa vantagem. Ninguém parecia saber o porque do penalty. Antes do meio-tempo, mais três penalties foram decretados, dos quais um, pelo menos, foi abertamente injusto. Afortunadamente, nenhum deles marcou pontos adicionais. Durante a pausa, Brendan e Desmond empregaram toda a sua eloquência para salvar seu team do desespero.

O segundo tempo foi rápido e furioso. Com três pontos em desfavor, Xavier começou com um ataque realmente feliz. Uma vez

após outra, seus "forwards" falharam, mas os "backs" sempre voltaram à carga. Finalmente, um pouco do lado da equipe de Stº Anselmo, O'Reilly apoderou-se da bola e com um só movimento lançou-a para o grupo central de seus jogadores, que ficavam à espera a uns cinco metros atrás. Antes de qualquer outro bem notar o que estava acontecendo, Desmond marcou um golo. A pesada e escorregadia bola levantou-se clara e seguramente entre os dois reluzentes postes, húmidos com a chuva. Foi um chute de campeão. Xavier estava na frente por um ponto. Mas agora, a excepcionalmente fatigante natureza da partida começou a manifestar-se tanto nos "forwards" como nos "backs". Pela primeira vez, Stº Anselmo iniciou uma pressão constante. A atuação de Xavier, porém, era impecável, e parecia impossível que seus oponentes pudessem ganhar vantagem e arrancar uma vitória da undécima hora. Uma vez após a outra, apoderaram-se da bola durante o calor do combate, mas só para saírem logrados mesmo antes de terem começado as manobras ou ver Desmond interceptar a pelota e livrar-se do adversário. Apesar de tudo isto: estava escrito que Xavier deveria perder. O substituto de Milligan, um rapazinho excepcionalmente leve, que tivera as passagens mais rudes durante toda a partida, chegou um nada cedo demais depois de uma escaramuça pela pelota. Um apito, e Xavier viu com espanto que foi decretado um penalty bem em frente de seu golo, a uma distância de menos de dezoito metros. Hare, o meio-centro de Stº Anselmo, não cometeu nenhum erro e o tento estava marcado. Xavier perdeu a partida por causa de dois penalties, perdeu um jogo que, com um tempo um pouco decente, poderiam ter ganhado com um score de vinte pontos.

Houve uma reunião de protesto na sala reservada aos visitantes, enquanto o team mudava de roupa. Mesmo o prospecto imediato de um excelente lance que o hospitaleiro Stº Anselmo sempre oferecia aos seus visitantes, não conseguiu apaziguar os espíritos. McCarthy, coberto de lama e cansado por ter prestado o trabalho de vários "forwards", estava calado; Mas Mat McDonnell e um outro rapaz de nome Kelly manifestavam em altas vozes sua indignação.

"Teríamos vencido por 4 a 0", berrou McDonnell, "se não fosse a suja roubalheira do juiz. É realmente um escândalo terem eles um do team próprio como juiz. Proponho dar-lhe uma vaia no lance".

"Apoiado", gritou Kelly; "Diga lá, Brendan, quando você propuser um brinde para o juiz, todos vaiá-lo-emos".

Brendan e muitos outros esta-

vam tão sentidos pela derrota como qualquer um deles, mas com isto não contavam.

"Calma", pediu ele. "Creio que ele se julgava bastante justo; em todo caso somos os hóspedes deles".

"Razão tanto maior porque nos deveriam tratar com justiça", retrucou outro "forward" magoadado. "Não vou vaiar, mas quero ser enforcado se bater palmas".

"Isso", "isso", cantaram em cântaro quatro ou cinco mais.

Brendan estava perturbado.

"Muito bem, neste caso nem vou brindá-lo", disse, abandonando com relutância o dever tradicional do capitão derrotado.

Com grande surpresa para Brendan, McCarthy parecia acordar.

"Bem, se você não o fizer, eu o farei. Ai está", disse.

Por um segundo houve silêncio.

"Pelo amor de Deus, não sejam burros malucos", começou Brendan. "O Leão ficaria simplesmente louco".

Então, vendo as caras deles, parou e olhou em redor. No canto estava Desmond puxando num atador. Brendan agarrou ávidamente a possibilidade.

"Diga-lhes para não se comportarem como burros, Des", observou.

Desmond deu o nó e levantou-se.

"Não vejo o que o Leão tem com isto", replicou: "ele nunca precisa saber".

Saiu do vestiário, assobiando, mas, bem no fundo do coração, sabia que o Leão havia de saber.

O lance que se seguiu estava destinado a deixar uma lembrança desagradável a todos que tomaram parte nele. No princípio, tudo parecia correr normalmente. Sinclair, o Capitão de Stº Anselmo, ofereceu o brinde a Brendan, como o exigia o costume, e Brendan brindou a Sinclair. Desmond e Hare, em conformidade com o uso tradicional, foram distinguidos semelhantemente por seus tentos. Mas mal acabavam de ser pronunciadas as palavras rituais, quando McCarthy se levantou.

"Um viva para o juiz", disse rapidamente, e sentou-se de novo.

Um fraco "viva!", uma mais fraca vaia, um horrível silêncio, em parte deliberado, mas muito mais o resultado de puro embaraço, seguiu. Talvez que McDonnell, Kelly e Cia. notassem a extensão de sua baixaza somente, quando viram os olhares atônitos e desgostosos de seus hospedeiros. Houve um silêncio ominoso. Brendan fixou um olhar irado na toalha da mesa, sem saber o que dizer. Desmond que tinha começado a viver com os alunos de Stº Anselmo, parou e corou violentamente. Lançou um olhar para Brendan, não descobriu nenhum vestígio de esperança por lá e recobrou ânimo. Rindo brevemente, voltou-se para o Capitão de Stº Anselmo.

"Desculpe, Sinclair", disse, "este tempo não combina com a nossa disposição de ânimo, ao que parece. Vocês deram-nos uma lição no jogo, hoje, mas devem tentar ensinar-nos boas maneiras a seguinte vez que vierem a Xavier".

(Continúa)